

## Congresso Mundial do Lazer: Discovering New Routes for Leisure

Realizou-se em Lisboa, nos dias 3, 4 e 5 de Junho o Congresso Mundial do Lazer, subordinado ao tema "*Discovering New Routes for Leisure*". Organizado pelo Research Committee on the Sociology of Leisure da Associação Internacional de Sociologia, em colaboração com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e com a Associação Portuguesa de Sociologia, este congresso reuniu um fórum científico internacional de mais de 70 participantes. Ao longo dos três dias foram abordadas diversas temáticas associadas à investigação dos fenómenos do lazer, com o objectivo central de dar a conhecer as mais recentes linhas de investigação nesta área. Sem proceder a uma descrição pormenorizada das diferentes sessões, poderemos dizer que foram quatro os eixos de abordagem temática:

- Tempos sociais, tempo de lazer, sua distribuição e significado;
- Novos contextos de lazer e estilos de vida;
- Políticas culturais, práticas culturais e formas de lazer;
- Turismo e desporto;

Estes mesmos eixos temáticos revelam a diversificação dos objectos empíricos e teóricos da Sociologia do Lazer, cujas discussões clássicas das escolas francesa e norte-americana se centravam em torno do conceito de trabalho e não trabalho, produção e consumo, indústrias do lazer e sociedade de massas. Desta forma, a pluralidade de comunicações apresentadas revelou, por um lado, o volume e a diversidade da investigação empírica produzida no âmbito desta disciplina, dificultando, por outro, a possibilidade de aferição das suas problemáticas mais recentes e linhas de investigação mais inovadoras. De facto, o grande número de comunicações apresentadas e a escassez de tempo reservado à sua discussão impediram, frequentemente, uma melhor explicitação do conteúdo dos textos apresentados. Tal aconteceu com algumas das participações mais interessantes do congresso. Refiro-me a duas comunicações que, situando a abordagem do lazer na fronteira com a análise dos processos sociais de construção de identidades e de individualização, remetem a investigação sociológica para uma pesquisa

centrada sobre os processos de carácter simbólico gerados pelos actores sociais no contexto das práticas sociais do lazer. Numa abordagem de pendor mais teórico, T. Rudi Laermans (Univ. Cat. Louvain) propôs uma análise dos espaços e das práticas de lazer como catalizadores dos processos de definição e constituição negociada das formas de identidade dos indivíduos, para além dos limites e constrangimentos impostos pelas estruturas sociais (classe, sexo...). Mirja Liikkanen (Finlandia), com base na análise preliminar de dados empíricos relativos à sociedade finlandesa, evidenciou o carácter ético e moral do discurso produzido pelos actores sociais acerca do lazer, apontando para uma projecção dos modelos identitários sobre as práticas de lazer.

Mas outras comunicações houve que merecem o mesmo destaque. Nicole Samuel, uma das figuras principais da escola francesa de J. Dumazedier, apresentou uma comunicação cujo conteúdo se inscreve no contexto do trabalhos por si já publicados. Incidindo a sua abordagem do lazer na análise dos tempos sociais e da autonomização do tempo de lazer face aos tempos de produção, N. Samuel retomou uma das propostas teóricas mais representativas da problemática do lazer. O britânico Stanley Parker foi, por sua vez, um dos participantes ouvido com mais atenção dado o interesse gerado em torno da temática da sua comunicação - "*Group life: individual interests and social purposes*". Reportando-se aos novos movimentos sociais visíveis nas sociedades contemporâneas, como sejam os movimentos ecologistas e de direitos humanos, S. Parker sugeriu a emergência de novas formas de lazer, associadas a modelos de participação cívica e política de carácter voluntário, designando-as por "serious leisure". Com esta abordagem, S. Parker parece sugerir um alargamento do conceito de lazer a práticas e comportamentos sociais que se encontram na fronteira do campo político, recolocando mais uma vez a questão da definição do próprio conceito de lazer. De facto, definido classicamente na relação com os conceitos de trabalho e de produção, o seu conteúdo tem vindo a ser objecto de contínuo debate teórico. S. Parker retomou-o a partir de uma nova perspectiva, associando o desenvolvimento de novas formas de lazer às novas configurações do exercício de individual e colectivo da cidadania.

No que diz respeito à presença dos investigadores portugueses, será importante

referir o elevado número de comunicações apresentadas, o qual se justifica pela oportunidade da realização de um congresso internacional no nosso país. Uma observação razoavelmente atenta do conteúdo dos textos apresentados permite concluir o estatuto incipiente da investigação sociológica sobre o lazer, em Portugal. De facto, grande parte das apresentações a que assistimos revelaram um interesse real sobre a problemática da sociologia do lazer mas também a sua abordagem subsidiária no contexto de objectos de investigação não directamente centrados sobre algum dos seus eixos teórico-empíricos. É, por exemplo, o caso das comunicações apresentadas por Graça Carapinheiro ou por J. M. Paquete de Oliveira e Luis Garcia, os quais se propuseram a uma análise do lazer no contexto dos seus objectos de estudo, respectivamente, a instituição hospitalar e os meios de comunicação social (imprensa). Este mesmo estatuto da investigação sobre o lazer, no nosso país, transpareceu da apresentação feita por Helena Maria dos Santos, em cuja comunicação se coloca a questão inicial da autonomia ou não autonomia do próprio objecto da sociologia do lazer - *"o trabalho para inventar o não-trabalho: práticas de cultura e relações com o lazer"*.

É neste contexto que podemos entender que a realização do Congresso Mundial do Lazer, no nosso país, assume importância substancial. Este constituiu uma oportunidade para os sociólogos portugueses se confrontarem com as pesquisas realizadas por outros investigadores sociais no âmbito de uma Sociologia do Lazer plenamente autonomizada. Deste confronto esperamos que possam nascer ou ser renovados alguns projectos de investigação que permitam o desenvolvimento de protocolos de investigação sobre as formas de lazer que têm lugar na sociedade portuguesa. ■

Paula Abreu

## 2.º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, São Paulo, 4 a 7 de Agosto de 1992

A aventura tinha começado em Coimbra, em 1990, com a realização do 1º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. O 2º Congresso, que agora decorreu em São Paulo, organizado pelo Departamento de

Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com a colaboração da Secretaria de Cultura do Município Paulista, procurou continuá-la e consolidá-la. Falo da aventura de criar uma comunidade científica lusófona de cientistas sociais, reunida no propósito de conduzir investigações articuladas sobre as sociedades portuguesas, brasileira e africana de língua oficial portuguesa, procurando perceber as suas ligações recíprocas e, ao mesmo tempo, os lugares respectivos no sistema-mundo.

O congresso permitiu avançar a passos seguros, na construção daquela comunidade. Em primeiro lugar, embora os sociólogos paulistas constituíssem, compreensivelmente, o maior número dos presentes, foi possível deslocar um grupo relativamente importante de investigadores portugueses e diversificar a proveniência estadual e a formação disciplinar dos colegas brasileiros, alguns deles historiadores e antropólogos e muitos vindos do Rio de Janeiro, do Recife, de Porto Alegre, de Santa Catarina, etc. - o que, nas condições extremamente difíceis, do ponto de vista económico, social e político, em que o Congresso foi organizado, não é demais assinalar. A lacuna mais importante, neste aspecto, foi a escassíssima presença de colegas africanos - o que também se deve, como é fácil constatar, à situação dramática vivida por vários dos países de expressão portuguesa em África.

Em segundo lugar, o próprio facto de o congresso não ter, ao contrário do que regularmente sucede em Portugal, motivado uma presença massiva de estudantes e profissionais, em termos de assistência, favoreceu o desenvolvimento de uma dinâmica de troca de conhecimento e ideias entre os comunicantes, divididos em sessões de trabalho em pequenos grupos.

Em terceiro lugar, foi garantida a continuidade destes encontros, tendo ficado apazado o 3.º Congresso para 1994, em Lisboa.

O tema geral do congresso foi uma análise crítica dos desafios colocados à modernidade, no mundo afro-luso-brasileiro, tendo em conta a natureza semiperiférica ou periférica das posições que as várias sociedades que o compõem ocupam na ordem internacional. As intervenções de abertura, a cargo de Marilena Chauí, e de encerramento, a cargo de Boaventura de Sousa Santos, foram dois calorosos apelos ao desenvolvimento de uma leitura ao mesmo tempo